



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS –
FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ana Helena de Oliveira Melo
RA: 2060525/7

A mídia, os jovens e a política

Uma pesquisa acerca da mídia como elemento de estímulo à ocorrência do fenômeno da espiral do cinismo nos jovens da cidade satélite de Sobradinho, em idade pré-universitária, numa relação com a política

Brasília, novembro de 2009

ANA HELENA DE OLIVEIRA MELO

A mídia, os jovens e a política

Uma pesquisa acerca da mídia como elemento de estímulo à ocorrência do fenômeno da espiral do cinismo nos jovens da cidade satélite de Sobradinho, em idade pré-universitária, numa relação com a política

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Profº Orientador: Leandro Marshall

Brasília, novembro de 2009

ANA HELENA DE OLIVEIRA MELO

A mídia, os jovens e a política

Uma pesquisa acerca da mídia como elemento de estímulo à ocorrência do fenômeno da espiral do cinismo nos jovens da cidade satélite de Sobradinho, em idade pré-universitária, numa relação com a política

Monografia apresentada como um dos requisitos para a conclusão do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Profº Orientador: Leandro Marshall

Banca examinadora

Profº Orientador: Leandro Marshall

Examinador: Profº Vivaldo Sousa

Examinador: Profº Fernando Braga

Brasília, novembro de 2009

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram durante minha jornada na universidade. Meus pais, Marcos e Dagmar. Minhas irmãs Luana (que me auxiliou em vários trabalhos), Ana Maria, Ana Teresa e Joana.

Um agradecimento especial àquela que tornou todas minhas realizações na área da educação possíveis, me dando todos os tipos de suporte e atenção: minha avó e educadora Berenice.

Ao meu marido que sempre teve sua cota de participação em meus trabalhos e paciência comigo nestes primeiros meses de casamentos e últimos meses da graduação.

Por último, não menos importante, agradeço ao meu orientador, prof. Leandro Marshall, pela confiança e paciência desde os primeiros instantes do preparo desta monografia.

Resumo

Esse trabalho visa mostrar a relação da juventude brasileira com as editoriais de política e a política em geral. Antes de estereotipar a postura crítica destes jovens, esse trabalho buscou analisar o contexto em que esses jovens vivem. Um mundo pós-moderno, que não trata mais dos indivíduos unitariamente, movido por pensamentos individualistas e que possui uma mídia tendenciosa. A monografia possui embasamento na teoria da Espiral do Cinismo, proposta por Joseph N. Cappella e Kathleen Hall Jamieson em 1997 e no Brasil revista e contextualizada pelo pesquisador Luis Felipe Miguel. Este trabalho é composto por pesquisas bibliográficas, documentais e um levantamento de opinião por amostragem não-probabilística.

Palavras-chaves: Jovens, Política, Mídia

Sumário

Resumo.....	v
1. Introdução.....	07
2. A política e os cidadãos no pós-modernismo.....	09
2.1 As mudanças no pensamento coletivo e individual.....	09
2.2 A política.....	11
2.3 A espiral do cinismo.....	14
3. A Mídia.....	17
3.1 Breve histórico da imprensa.....	18
3.2 O jornalismo político.....	20
4. Os jovens.....	23
5. A pesquisa.....	26
5.1 Descrição do método.....	26
5.2 A realização da pesquisa.....	27
5.3 Apresentação das respostas.....	28
6. Análise.....	35
7. Considerações finais.....	37
Referências Bibliográficas.....	40
Anexos.....	41

1. Introdução

Este trabalho visa observar se os veículos e canais midiáticos, e os conteúdos por eles oferecidos, influenciam na ocorrência do fenômeno da espiral do cinismo nos jovens brasileiros em idade pré-universitária.

A pesquisa tem como referencial teórico a Espiral do Cinismo, que é teoria proposta pelos pesquisadores Joseph N. Cappella e Kathleen Hall Jamieson (1997). Segundo a teoria, se os políticos de hoje são cínicos, isso é decorrente do cinismo da população – o público dos veículos de comunicação.

É evidente que a mídia é mais influente na formação do nosso sentido do mundo naquelas áreas em que temos pouca experiência direta. Poucos de nós têm contato próximo com os nossos líderes, suas campanhas ou desempenho. Nós aprendemos sobre eles primeiramente através do noticiário. Este fato tem levado alguns à alegação de que o conhecimento público de grandes instituições é uma realidade "mediada" (Cappella e Jamieson, 1997 p. 36)

A teoria, segundo Luis Felipe Miguel (2007), é um desdobramento da teoria de Elisabeth Noelle-Neuman (1993), da Espiral do Silêncio, que propõe que as pessoas, por medo de serem excluídas por não compartilharem dos mesmos ideais das majorias - se silenciam, principalmente, acerca de assuntos polêmicos e importantes para a sua comunidade. Para o pesquisador, a principal diferença entre as duas teorias está no fato de que a espiral do cinismo se manifesta não só na expressão de opiniões dos cidadãos, mas também no modo de pensar e agir.

O estudo se constitui por meio de uma pesquisa bibliográfica, documental e por um levantamento de dados. Segundo Antônio Carlos Gil (1991), uma pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Já uma pesquisa documental, ainda segundo o teórico metodológico, se assemelha muito à pesquisa bibliográfica, tendo por único diferencial a natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado

assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico.

Para complemento do trabalho, foi feita uma pesquisa por amostragem não probabilística, que realizou um recorte populacional de acordo com os critérios de intencionalidade e conveniência da pesquisadora (Duarte e Barros, 2005), entre jovens da cidade satélite de Sobradinho. Foi escolhida a pesquisa por amostragem uma vez observadas as condicionais de tempo e recursos para realizar a pesquisa.

Questões de tempo e custo têm levado a maioria dos estudos à opção da amostra. A estatística possui ferramentas que garantem, com bastante confiabilidade, a representatividade de uma amostra". (DUARTE e BARROS, 2005, p. 168)

O interesse na realização da pesquisa surgiu após constante leitura de artigos, de diversos colonistas do país que são de extremo pessimismo em relação á juventude do país. Os formadores de opinião constantemente reafirmam a existência de uma imagem de que em todo país, e também em Brasília, a geração que nasceu e cresceu após a redemocratização pós-ditadura do país aparenta ser cada vez mais alienada e despolitizada.

A partir desta perspectiva, esse trabalho busca descobrir que ideologias seguem estes jovens do Distrito Federal do mundo globalizado, que hoje contam com uma evolução tanto dos índices de desenvolvimento quanto da tecnologia – que possibilita ao cidadão o acesso a diversos canais de comunicação e em formato e conteúdo personalizado.

Será que os jovens brasileiros vêem ou ouvem notícias de alguma forma ou natureza? Será que dentre essas notícias eles assistem e criticam de algum modo as editoriais de política? As matérias que estes jovens assistem ou lêem influenciam de algum modo seus posicionamentos críticos?

Pesquisa realizada pela instituição IBASE/POLIS (2005) apontou que, para mais de 80% dos jovens brasileiros, os políticos em cargo eletivo não representam os interesses da população. E que apenas 59% dos jovens candangos procuram se informar sobre política.

2. A política e os cidadãos no pós-modernismo

2.1 As mudanças no pensamento coletivo e individual

Antes de tratar sobre o quem é o jovem de hoje e sobre o que ele pensa, é necessário uma breve amostra sobre o contexto em que este jovem cresce. Um mundo capitalista, em constante transição, que já passou por duas guerras mundiais, vive inúmeras guerras simultâneas ao redor do globo e que hoje enfrenta desafios acerca de sua própria manutenção.

A pós-modernidade tem se mostrado, aos olhos dos mais famosos teóricos da atualidade, um ambiente nada propício ao desenvolvimento e segmento de novas ideologias. Quase tudo é irreal, falso ou pessimista na visão dos atuais pensadores e gestores da sociedade.

As relações interpessoais tiveram seus ambientes de ocorrência reduzidos. Sem espaço para a construção de ideologias coletivas, impera o individualismo e a ausência de ideologias.

Segundo Richard Sennett (1999), o novo capitalismo afetou o caráter dos indivíduos, principalmente porque não oferece condições para construção de um cotidiano de vida, sustentado na experiência do convívio social. “Como se pode buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo. Como se podem manter relações duráveis?” (SENNETT, 1999, p. 33).

No novo capitalismo, descrito por Sennett (1999), está tudo muito rápido, prático e individual. Os processos de alienação que há muito vigoravam, até – e hoje são ensinados aos jovens de hoje ainda no ensino fundamental – se ampliaram e sofisticaram: agora o cidadão do mundo globalizado está alienado de um modo mais agradável e conformado. O grande paradoxo do cidadão global está no fato de quanto mais longe ele pode ir, menos ele quer avançar. Ele está alienado, preso a cômodos cada vez menores e com uma internet banda larga – o grande fato é que ele gosta e comemora esse cenário. É a esta realidade que o sociólogo atribui a corrosão do caráter.

O caráter consiste no valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros. São os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem (SENNETT, 1999, p. 10)

O sociólogo descreve as relações interpessoais da atualidade com descartáveis e superficiais, que causam uma atrofia individual acerca do pensamento coletivo. O autor teoriza que o pronome “nós” é um perigo gigantesco para os capitalistas que vivem da desordem da economia, para eles o lucro está na ausência de ideologias coletivas.

A impessoalidade tornou-se a palavra de ordem nas relações e circunstâncias da atualidade. Reside-se, trabalha-se e convive-se ao lado de pessoas das quais se desconhece até o nome. Um conjunto de “relações” que não passam de um produto da nova sociedade, como defende Guy Debord.

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. O espetáculo não pode ser compreendido como o abuso de um mundo da visão, o produto das técnicas de difusão massiva de imagens. (...) O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. (DEBORD, 1991, P. 10)

Ainda acordo com o pensador francês não há, na atual sociedade do espetáculo em que se vive, algo que não seja uma representação do real. Para ele, a vivência de certo modo se resguardou às representações.

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação (DEBORD, 1997, p.13)

O teórico pós-moderno Jean Lyotard (1972) descreve uma realidade no cenário pós-guerra onde o que há é a reverenciação da técnica; uma paixão descontrolada pela ciência. Neste momento, deixa de ser a ciência um fim para o bem humano e passa o ser humano a ser um mero fim para o desenvolvimento científico. Por isso, a dificuldade e quase que a extinção ou impossibilidade de se constituir um pensamento ideal; não se consegue mais construir ideais; os estudantes não são mais formados por uma perspectiva idealista de libertação.

Ainda segundo Sennett (1999), na atualidade o fracasso é um fenômeno social que atinge todas as pessoas, é o grande tabu moderno, para o qual os livros de auto-ajuda não dispõem de fórmulas prontas. Os tabus que rondam o fracasso significam que ele é uma experiência que muitas vezes se apresenta de maneira confusa, e, portanto, a solução para enfrentar tal problema precisa ser coletiva. Para ele, é através das experiências compartilhadas que se encontra a saída.

Num breve apanhado das teorias vigentes, existe um cenário para o jovem da atualidade cheio de paradoxos, ausente de esforços coletivos (devido ao constante medo do fracasso), envaidecido por descobertas científicas que só intensificam a realidade individualista do ser humano e que é ausente de ideologias

2.2 A política

O conceito da palavra política varia entre seus mais inúmeros pensadores, porém numa síntese, ponderada por Weber (1882), se pode pensá-la como o conjunto das ações do grupo dominante de determinada esfera social.

Que entendemos por política? O conceito é extraordinariamente amplo e abrange todas as espécies de atividade. Fala-se de política de divisas de um banco, da política adotada por um sindicato durante uma greve; e é também cabível falar da política escolar de uma comunidade urbana ou rural (...) Entendemos por política apenas a direção do agrupamento político hoje denominado "Estado" ou a influência que se recebe em tal sentido. (WEBER, 2003, p. 54)

O cenário político-econômico da atualidade mantém-se com a mesma essência de seu surgimento: vertical e regido por leis. Numa análise comparativa da política com uma peça teatral pode-se afirmar que, os papéis permanecem os mesmos, mas mudaram os atores.

Colunistas e membros honorários da sociedade que por hora escrevem artigos para jornais de grande circulação no país, afirmam que a palavra de

ordem dos dias de hoje é economia. Eis que a política surge como uma coadjuvante que tenta, com demasiados esforços, reverter ou conter situações. Boa noção disso obteve-se em 2008, quando o mercado imobiliário norte-americano sofreu um colapso que foi sentido em todos os aspectos da sociedade e variadas escalas ao redor do mundo. Grandes bancos faliram, indústrias fecharam – efeitos que na atualidade infelizmente não ocorreriam na mesma intensidade caso acontecesse algum escândalo no parlamento norte-americano ou de qualquer outro país. Na opinião de inúmeros formadores de opinião, as casas legislativas viraram grandes cartórios, que, muitas vezes, formalizam acordos econômicos.

Apesar de ocupar um papel por vezes simbólico, a política mostra-se vital à manutenção do Estado. “Mesmo com as utopias de emancipação do gênero humano indo contra todas as modalidades de servidão, escravidão, autoritarismo, violência e injustiça concebem o término de poderes ilegítimos, mas não o término da própria política”, pondera a filósofa Marilena Chauí (2000) logo no início de sua reflexão acerca da necessidade de uma organização e hierarquização da sociedade.

Ao assumir outra função, a política mantém em seu propósito, o objetivo de servir como ferramenta de articulação e controle da realidade para os cidadãos.

À medida que se expandem os direitos políticos e civis, ao longo dos últimos dois séculos, a questão das idéias que o povo tem sobre a política ganha novos contornos. A necessidade de conquistar e manter o favor popular, a ser periodicamente confirmado através das eleições, torna seu conhecimento cada vez mais importante tanto em termos estratégicos, para a condução do Estado e organização da sociedade, quanto em termos normativos, na medida em que é preciso incorporar este novo ator político, o cidadão comum, ao modelo de democracia a ser adotado como legítimo, com as implicações decorrentes de suas características específicas. O papel mais ativo previsto para o cidadão pelos modelos democráticos traz novos problemas, principalmente em relação ao conhecimento sobre a política como pré-requisito para sua participação, ainda que mínima, em uma esfera pública definida como racional e tendendo ao bem comum. (ALDÉ, 2001 – pg. 05)

Mesmo ao se eximir o papel e o poder da mídia de dentro do universo da política da atualidade, a atividade exercida pelos poderes executivo, jurídico e legislativo por vezes não é entendida pelo espectador.

O primeiro ponto negativo à compreensão e participação do eleitor no dia-a-dia da política está na distância entre as esferas legislativas e o cidadão. Por mais que a distância geográfica entre os dois espectros seja pequena, existem outras complicações hora “naturais” – como a falta de instrução do cidadão para acompanhar e cobrar seus direitos, hora propositais – quando o próprio jargão político, o dia-a-dia das sessões e audiências, e o excesso de burocracia na tramitação de projetos atrapalham qualquer cidadão a exercer e cobrar seus direitos.

Todo servidor do poder legislativo ou jurídico, recém-concursado, mesmo após meses de estudo para se graduar na prova, recebe um treinamento de pelo mínimo três meses para aprender como funciona a Casa em que irá trabalhar. Um parlamentar, em seu primeiro mandato, não desgruda os olhos de seu discurso tímido, previamente elaborado por assessores com anos de experiência naquele órgão do governo. Se até quem faz política tem que aprender “politiquês”, o que dizer de um cidadão que mora no Acre, que não tem o ensino fundamental completo e que quer acompanhar o seu representante?

Também contribui para a visão negativa da política a maneira como as leis estão redigidas, tornando-se incompreensíveis para a sociedade e exigindo que sejam interpretadas por especialistas, sem que tenhamos garantia de que as interpretam corretamente, se o fazem em nosso favor ou em favor de privilégios escondidos. O que é curioso, porém, aumentando nossa percepção da política como algo paradoxal, é o fato de que só podemos opor-nos a tais fatos e lutar contra eles através da própria política, pois mesmo quando se faz uma guerra civil ou se realiza uma revolução, os motivos e objetivos são a política, isto é, mudanças na forma e no conteúdo do poder. (CHAUI, 2000, p.201)

Há tempos se discute a política que se tem feito e a necessidade de uma reforma e qualificação de quem a faz e a transmite. Parlamentares de longa data, como o senador Cristovam Buarque (2009), defendem que se a política

não se manterá do jeito que é hoje. “Ou degradingolamos de uma vez e perdermos totalmente a confiança do cidadão, ou fazemos uma reforma direita e congruente em nosso legislativo brasileiro”. (Buarque, 2009, disponível em http://twitter.com/Sen_Cristovam)

Marilena Chauí, ainda em sua reflexão acerca da política, relembra que a política foi algo constituído pelo homem e para o homem.

Essa imagem da política como um poder do qual somos vítimas tolerantes, que consentem a violência, é paradoxal pelo menos por dois motivos principais. Em primeiro lugar, porque a política foi inventada pelos humanos como o modo pelo qual pudessem expressar suas diferenças e conflitos sem transformá-los em guerra total, em uso da força e extermínio recíproco. (...) Em segundo lugar, porque a política foi inventada como o modo pelo qual a sociedade, internamente dividida, discute, delibera e decide em comum para aprovar ou rejeitar as ações que dizem respeito a todos os seus membros. (CHAUÍ, 2000, p.205)

2.3 A espiral do cinismo

Pouca instrução acadêmica, conformismo e uma mídia tendenciosa e manipulada por dirigentes políticos, eis os ingredientes citados por Joseph N. Cappella e Kathleen Hall Jamieson (1997) que levam a sociedade atual a viver um “cinismo epidêmico”.

Se o nosso conhecimento acerca de líderes e instituições é “mediado”, alguém poderia perguntar, qual o efeito, se houver, há na relação de como os candidatos e os debates sobre políticas públicas são cobertos e o cinismo do público sobre os líderes e seu desempenho? Temos que convir que ambos, tanto a cultura contemporânea jornalística quanto a nossa estratégia de nos concentrarmos nos conflitos, motivam o cinismo. “Temos cada vez mais substituído a malícia pelo ceticismo? Pontuamos, astutamente, perguntas mais agressivas para nossos políticos?”, pergunta David Shaw, no Los Angeles Times. “A resposta, muitas vezes, é sim”. (CAPPELLA E JAMIESON, 1997 p. 25)

Os formadores de opinião, inseridos em vários grupos da sociedade, passaram de pessimistas a céticos, e, para os teóricos da espiral do cinismo, acabam por disseminar um pensamento superficial, já sem embasamento, e “canceroso” dentro das mais diversas esferas da comunidade global.

Alguns atribuem o colapso da sociedade civil a um individualismo corrosivo que gerou, o que em outros tempos teria sido um paradoxo, - o rótulo de "cidadão". "Estamos preocupados", escreve Robert Bellah e seus colaboradores, "que este individualismo possa ter um crescimento canceroso - que pode estar destruindo os aspectos social". (CAPPELLA E JAMIESON, 1997 p. 32)

O que motivou o cidadão a assumir esse comportamento só agora? O que mudou: o político, o modo de se fazer política, o senso crítico do eleitorado ou a distancia entre o político e seu leitor encurtou? Luis Felipe Miguel (2007) afirma que o espectador dos canais midiáticos, cada dia mais modernos e interativos, está mais perto de Brasília, ou ao menos, dos escândalos de Brasília. Para o pesquisador, a estimulação da mídia - tendenciosa e manipulada por políticos - para cobrir escândalos de modo mais intenso que o dia-a-dia do feitiço de leis e projetos de leis acaba por ocasionar o total desinteresse na participação do cidadão na construção da política.

As pessoas não confiam nos políticos. (...) Em diferentes graus, esta percepção negativa dos políticos está presente em países ricos e pobres, em velhas e novas democracias. Vários indicadores mostram tanto um declínio na confiança em relação aos indivíduos que compõem a elite política quanto um crescente ceticismo a respeito da efetividade das instituições que se propõem realizar a democracia política. (MIGUEL, 2007, p. 09)

Mais ao longo da teoria, Jamieson e Cappella refletem acerca do fato de que a sociedade assumiu um papel ceticista, porém cínico, que, mediante a possibilidade de interagir com os canais midiáticos, o faz de modo capcioso. Para os teóricos, o cinismo da população nos dias de hoje é explícito e facilmente encontrado.

No contínuo da espiral deste cinismo pouco embasado, eis que surge a figura de um político que já não se importa em camuflar seu caráter e que apenas reflete este cinismo em suas ações e inúmeros escândalos. "Os políticos são agentes com intenções. Suas intenções explicam suas ações". Cappella e Jamieson (1997).

Exemplos recentes deste comportamento na sociedade são facilmente encontrados. Ainda no início de 2009, o então deputado federal brasileiro Sérgio Moraes argumentou em entrevista ao jornal O Globo: "Estou me lixando para a opinião pública. Até porque a opinião pública não acredita no que vocês

escrevem. Nós nos reelegemos mesmo assim." O comentário do deputado foi recebido com espanto pela sociedade brasileira. Tal reação talvez se deva, em partes, pelo modo explícito com o qual o deputado fez a colocação. Porém, em síntese, o deputado fez voz ao que outros congressistas parecem pensar à respeito da opinião pública.

Mesmo sem talvez ter tomado conhecimento da teoria, a filósofa Marilena Chauí enfatiza em seu pensamento acerca da política, o porquê de por muitas vezes as pessoas sentirem aversão à política.

As pessoas que, desgostosas e decepcionadas, não querem ouvir falar em política, recusam-se a participar de atividades sociais que possam ter finalidade ou cunho políticos, afastam-se de tudo quanto lembre atividades políticas, mesmo tais pessoas, com seu isolamento e sua recusa, estão fazendo política, pois estão deixando que as coisas fiquem como estão e, portanto, que a política existente continue tal qual é. A apatia social é, pois, uma forma passiva de fazer política. (CHAUÍ, 2000, p.222)

3. A Mídia

A mídia, até como os teóricos da espiral do cinismo definem em sua obra, atua muito como o principal canal entre o cidadão e o mundo. Não há, muitas vezes, como um cidadão que more nas regiões mais remotas do país, por exemplo, não acompanhar noticiários da tevê e repetir os discursos e opiniões ali contidos como se aquilo lhe fosse uma verdade sacra.

Faz-se necessária neste momento da pesquisa, uma análise deste canal, que possibilita ao cidadão ao menos um contato com as demais esferas do mundo em que ele se encontra. Uma sociedade onde a necessidade de se informar é uma constante incrustada no pensamento dos mais ignorantes.

A necessidade de informações é um dos dados fundamentais de toda vida social. (...) Em todas as civilizações que conheceram a escrita, à margem das redes “oficiais”, as correspondências privadas constituíam, para as comunidades organizadas, para os homens de negócios e para os membros das classes dirigentes, uma fonte periódica de notícias que ultrapassavam o âmbito estreito das relações pessoais ou profissionais. (ALBERT e TERROU, 1990, p. 15)

3.1 A imprensa como um comércio

Após sua criação, manutenção e crescimento como uma profissão e curso acadêmico, o jornalismo se mantém em constante discussão e análise de pensadores acerca de seus objetivos e funções na sociedade. Afinal, o jornalismo é uma ferramenta de comunicação, fiscalização ou um formador de opinião?

Para Jürgen Habermas (2003), o jornalismo na década de 30 ressurgiu após a guerra como uma indústria da promoção da comunicação. O pensador da pós-modernidade acredita que foi após essa caracterização do jornalismo como um “comércio” que o jornalismo dos dias de hoje se consolidou. Um jornalismo que hoje é mantido por seus grandes anunciantes e não pela venda de seus exemplares.

Segundo Alzira Abreu (2002), a disseminação da imprensa no Brasil, desde seu surgimento, sempre dependeu de favores do Estado, dos pequenos

anúncios populares ou domésticos (classificados), e da publicidade. Como um incentivo do governo para o crescimento da mídia no Brasil, era ele quem dava papel, outras matérias primas e concessões de canais para os veículos que surgiam na década de 50 – época em que se dava a expansão industrial do país.

O teórico da comunicação *Ciro Marcondes Filho* (2002) defende em sua obra que este jornalismo da atualidade é um “jornalismo da era tecnológica”.

O quarto e último jornalismo, o do fim do século 20, é o jornalismo da era tecnológica, um processo que tem seu início por volta dos anos 70. Aqui se acoplam dois processos. Primeiramente, a expansão da indústria da consciência no plano das estratégias de comunicação e persuasão e de materiais de imprensa, que passam a ser fornecidos aos jornais por agentes empresariais públicos (assessores de imprensa) e que se misturam e se confundem com a informação jornalística (vinda da reportagem principalmente), depreciando-a “pela overdose”. (FILHO, 2002, p.30)

O jornalista, ainda na visão do teórico, não tem um papel definido nos dias de hoje. Não se sabe se ele é um repórter ou um comentarista, ou os dois – o que em muitas ocasiões origina um descrédito a jornalistas que buscam meramente reportar fatos isentos de ética. *Marcondes Filho* (2002), ainda enuncia outra característica problema do jornalismo da atualidade. A relevância da imagem sobre o texto e o destaque dos jornais aos fatos mais curiosos e nem sempre mais importantes. “Dentro dessa mesma nova orientação do jornalismo, assuntos associados ao curioso, ao insólito, ao imageticamente impressionante ganham mais espaço no noticiário, que deixa de ser ‘informar-se sobre o mundo’ para ser ‘surpreender-se com pessoas e coisas’”. (FILHO, 2002, p 31)

Num aditivo ao cenário do jornalismo na atualidade, é necessário notar a condição de trabalho do jornalista. Ele está com mais pressa que nunca para dar “o furo” em sua agência de notícias virtual e tem seus campos de trabalho limitados uma vez que o fato, a notícia, vai ao encontro aos interesses dos anunciantes.

Eugênio Bucci (2000) considera de extrema importância a necessidade de notar o ambiente de trabalho deste jornalista. “É preciso ver que novas questões se apresentam dentro de uma comunicação social marcada pela

presença dos grandes conglomerados da mídia e pela crescente aproximação entre jornalismo e entretenimento, perfazendo a lógica do espetáculo”. (BUCCI, 2002, p. 26)

3.2 O jornalismo político

O que pensar de um jornalismo uma vez que sempre o que toca o jornal são os anúncios de empresas e entidades “parceiras” dos veículos? O que pensar de um jornalismo político em época de eleição?

Num mundo onde as relações comerciais que existem dentro do jornalismo estão cada vez mais explícitas, inclusive na perspectiva do leitor, faz-se necessária a análise do repórter de política. O que pensar da figura de um comunicador que dia a dia convive com os mais importantes anunciantes e “parceiros” do jornal em que trabalha?

O cenário em que encontramos os cidadãos da democracia contemporânea caracteriza-se por uma esfera pública cada vez mais dependente dos meios de comunicação de massa para a exposição de eventos, idéias, programas e líderes políticos. Os partidos parecem ter perdido o monopólio do espaço público da política para os meios de comunicação, que crescem em importância, tornando-se os canais de informação política mais importantes e universalmente acessíveis. Este canal “público” tem um lógica perversa: a mídia oferece o máximo de informação sobre o máximo de assuntos, no mínimo de tempo. (ALDÉ, 2001, pg. 10)

O repórter de política se encontra diariamente com questões que vão de encontro à ética da profissão, provavelmente numa escala maior que repórteres de outras editorias.

De modo geral, os jornalistas políticos de Brasília exercem a profissão com garra, independência e paixão pelo jornalismo. As autoridades que o digam. Não conheço uma que ache que o repórter é um bicho de estimação. A maioria considera-nos uns verdadeiros selvagens. Já os políticos mais experientes tomam-nos pelo que somos “ou pretendemos ser”: profissionais. É assim que deve ser. (MARTINS, 2005, p. 45)

Ao contrário de um repórter de economia, que muitas vezes apenas antecipa decisões e aumentos de taxas antes dessas informações irem a público (ex.: aumento do preço da gasolina ou do arroz), o repórter de política atua em ambientes de informações restritas, de linguagem e cotidiano rebuscados, repleto de negociações que não chegam a conhecimento público.

Há um abismo entre a produção de decisões políticas e o mundo da política tal como representado na TV. Mídia e esfera pública tendem a seguir lógicas diferentes: os meios de comunicação de massa seguem critérios de captação da atenção. Especialmente em termos de televisão, muito já se ouviu sobre sua tendência ao entretenimento no tratamento da informação jornalística e espetacularização da política; o valor da notícia segue a necessidade de “captação da atenção”, com critérios de noticiabilidade e espetáculo. A notícia, industrialmente produzida para estar sempre “fresquinha” (e portanto vender mais, como no anúncio de biscoitos), depende de elementos de apelo popular como a novidade, o negativismo, o escândalo, a presença de atores proeminentes, a personalização, o conflito, a exceção. A política adapta-se a estas exigências, mas não sem perda de confiabilidade por parte do grande público.(ALDÉ, 2001, pg. 17)

Um ambiente assim exige do repórter, antes de qualquer coisa, uma necessidade de estar atento a tudo o que acontece no mundo da política, 24 horas por dia. Além disso, é exigido desse profissional bastante habilidade e atenção na hora em que tudo acontece para não deixar nada escapar e abstrair além do que está sendo dito – como uma tentativa de antecipar decisões que futuramente serão tomadas.

Por exemplo, porque um deputado pediria vistas a um projeto que seria aprovado dentro de dois minutos e de lá partiria direto para a sanção presidencial? Um repórter de política teria de dar conta de explicar esta pergunta de forma rápida e completa. Fazer uma análise dos interesses do partido daquele deputado e o que ele pretenderia fazer após o pedido de vistas a esse projeto.

O repórter de política tem uma rotina exigente, constante e por vezes limitada a relatos dos políticos.

A não ser em acontecimentos públicos, como sessões da Câmara e do Senado, reuniões partidárias abertas, solenidades oficiais e comícios, raramente o repórter consegue estar presente no momento e no local do fato, acompanhando diretamente o ocorrido e fazendo sua própria avaliação. Em geral, nos casos de negociações nos bastidores, audiências de governo, reuniões partidárias fechadas, encontros políticos reservados, etc., ele é obrigado a reconstituir o que aconteceu com base em relatos de segunda ou terceira mão. (MARTINS, 2005, p. 48)

No fim de breve análise sobre o jornalismo político dos dias de hoje, pode-se concluir que, por mais que o repórter de política e seu veículo de comunicação tenham retos interesses, eles dependem diretamente de uma figura repleta de interesses, de caráter muitas vezes corrompido e que

atualmente reflete em suas ações e discursos o cinismo e a descrença da sociedade nele: o político.

Todos os políticos, sem exceção, têm interesses e objetivos, lealdades e inimizades, ambições e ressentimentos, cacoetes e vaidade, que inevitavelmente filtram, apimenta e marcam seus relatos. Mas, como são pessoas treinadas na arte de convencer os outros, costumam ser ótimos contadores de histórias. Sabem reproduzir um episódio saboroso, recriar um bate boca esquentado, aprimorar uma frase espirituosa – e com isso tornam o peixe que vendem muito atraentes aos olhos do freguês. (MARTINS, 2005)

3.3 Mídia sensacionalista na era da Sociedade do Espetáculo

Retomando a afirmativa do filósofo francês Guy Debord (1997), da perspectiva do “fim do social” e o surgimento do espetacular em posição de destaque, pode-se afirmar que atualmente as ferramentas de desconstrução dos idéias da sociedade são as que mais dão audiência aos canais de comunicação.

“A atividade jornalística da grande imprensa, nesta sociedade capitalista moderna, pertence à esfera da indústria cultural”, afirma Coelho em Castro (2006) em estudo sobre a comunicação e a sociedade do espetáculo. A produção de conteúdo chegou a um ponto onde a transformação de esferas hierárquicas e de tradição como o Congresso brasileiro em entretenimento é o que chama a atenção e dá lucro. Transformou-se a palhaçada dos políticos cínicos em um comércio, um circo.

Se já se vive um período em que a descrença e o cinismo em relação à política e aos políticos é crescente, são ferramentas que possibilitam a liberdade de expressão e de conteúdo que têm prejudicado ainda mais a imagem dos gestores das leis. Até na tevê, um dos veículos de maior alcance entre a população brasileira, este cinismo conquistou seu espaço e hoje, em horário nobre, divulga programas que ridicularizam os políticos brasileiros.

Exemplos destes programas é o Pânico na TV, um programa semanal que constantemente aumenta as proporções das más atitudes dos

congressistas e realiza críticas e brincadeiras infundadas se comparadas a outros instrumentos de crítica como as charges.

A brincadeira chama a atenção e de certo modo se torna o único canal – por ser atrativo – entre os jovens e os políticos.

4. Os jovens

Quem são os jovens de hoje, o que eles pensam e com o que eles se preocupam? Eis uma das indagações deste projeto, que visa saber o que influencia o pensamento dos jovens de hoje e os levam a ter determinados comportamentos que os tacham, por vezes de modo abrupto e precipitado, como uma juventude ideologicamente pobre e despolitizada.

Um primeiro passo cabível para o decorrer dessa análise seria a consideração de que, mesmo compreendidos em um mesmo recorte de faixa etária, os jovens, principalmente os brasileiros, pertencem a realidades e esferas diferentes.

O agravamento das condições de vida de ampla maioria da população jovem brasileira – em especial os setores mais vulneráveis: jovens negras e homens jovens moradores de espaços populares – incide diretamente no aumento da sensação de insegurança no presente e das incertezas quanto à vida futura. Reguillo (2003) chama a atenção que, em toda a América Latina, a face mais visível dos jovens, principalmente os pertencentes aos setores populares, foi aquela que os converteu nos principais operadores de violências nas sociedades. Não é de se estranhar, assim, que sobre eles(as) tenham recaído as principais ações – não necessariamente de políticas públicas – de controle social tutelar e repressivo. (IBASE/POLIS, 2005, p.13)

Numa situação hipotética que exemplifica a argumentação do estudo citado, podem-se comparar as posturas adotadas por dois jovens de realidades diferentes. Enquanto um jovem de uma metrópole, que teve uma educação de base e recursos para a criação e complementação de seu intelecto, debate sobre as questões de gestão e administração do país, o jovem da periferia, que acredita não ter conseguido êxito em sua vida acadêmica por conta do Estado, luta, sob fortes repressões deste mesmo Estado, para não se rebelar e criar sua própria política de gestão da comunidade em que habita - dando continuidade ao estado monárquico que existe na favela em que vive.

Ambos pensam sobre a política de acordo com sua vivência, um se desacredita por conta da corrupção que ele acompanha nos noticiários e o outro a culpa por sua condição menos favorecida e constantes repressões

desde a infância. Ninguém é a favor da política vigente, mas por motivos diferentes e de acordo com suas realidades ímpares.

Além da alienação, vários fatores podem levar a uma rejeição da política. Pretende-se mostrar quais podem ser esses fatores e contribuir para repensar o mito de massa homogeneamente alienada e manipulada e explicitar que existe também a rejeição crítica da política, solidamente elaborada no nível do imaginário social da juventude. O contraste entre uma juventude idealista e uma carente de ideais e causas, entre uma engajada e outra apática, será evitado. (FLORENTINO, 2008, p. 207)

Outro motivo que desencadeia o posicionamento cínico dos jovens da atualidade é a herança ideológica dos pais. A geração do ano 2000, os jovens da atualidade, que nasceram e cresceram em um país de regime democrático, carrega o peso dos anseios da conquista dos pais, representantes da geração dos anos 60, que em grande parte saiu às ruas – de um modo como nunca antes houvera ocorrido – e reivindicou direitos.

Os movimentos dos anos 1960, seja na sua expressão mais propriamente política, seja na contracultural, ou mesmo nos modos em que combinaram essas expressividades, tiveram como traço característico a transgressão de padrões de valores estabelecidos. Transgressão não no sentido de uma pura negatividade, ou de uma negação absoluta dos limites estabelecidos, mas de um movimento que os atravessa afirmando novos limites. Em outros termos, um movimento que é de negação de valores estabelecidos mas que na sua face positiva se lança no risco da afirmação de novos valores. (CARDOSO, 2005, p.7)

Os jovens dos anos 60 eram movidos pela paixão por seus ideais. Eles não queriam apenas reverter a ordem. Eles possuíam ideais que os mobilizam a constituir uma nova ordem, que depois não chegou a ser como o esperado.

Após grandes escândalos, mortes misteriosas de governantes do estado democrático, e *impeachment* de um presidente eleito pelo povo, a frustração dos ex-militantes políticos transpareceu e, de repente, ideologias como “é proibido proibir” ou “liberdade ilimitada do desejo” se assemelharam a dizeres de heróis de um tempo bem distante do que se vive. As ideologias se tornaram ilógicas de serem aplicadas ao mundo atual, *cyber* e alheio ao pensamento unificado.

Estudos sobre a participação dos jovens na vida social indicam que, durante as décadas de 80 e 90 e o início do novo século, a militância política

institucionalizada ocupou um papel secundário nas ações coletivas praticadas e valorizadas pelos jovens brasileiros. (IBASE/POLIS, 2005) Em outras regiões do mundo, a “despolitização” das populações juvenis também se tornou fonte de preocupação, levando à indagação sobre o que a crise de participação dos jovens expressaria nos processos cíclicos ou mesmo nas consolidações estruturais dos relacionamentos das jovens gerações com as instituições sociais e políticas.

Uma vez decepcionados com a política que tem sido feita, eis que surgem jovens que repetem posicionamentos e discursos dos pais sem ao menos formular suas próprias ideias. Este pensamento é defendido por teóricos do comportamento jovem.

Embora os adolescentes ganhem mais autonomia a cada ano que passa, continuam a depender de nós. Eles não admitem, mas ainda precisam dos pais. Assim, é necessário que possam contar conosco, e que nós cumpramos as nossas promessas. Se as quebramos repentinamente, os filhos ficam magoados e deixam de acreditar em nós. Um desapontamento ocasional pode ser digerido e superado, mas a quebra sistemática de promessas debilita o nosso relacionamento com eles. Por não poderem confiar e acreditar em nós, e não se sentirem seguros e protegidos conosco, eles ficam cada vez mais decepcionados. (NOLTE e HARRIS, 2005, p.84)

Entre teóricos do campo da Ciência Política, existe o posicionamento de que, se cidadãos “esclarecidos” reagissem de modo nulo ou cínico à política estaríamos bem, porém o que se indica (FLORENTINO, 2008) é que a rejeição às instituições políticas parte de grupos sociais de perfil menos esclarecido, que não compreendem o funcionamento e a importância dessas instituições. Ou seja, antes mesmo de se informar acerca do que são as instituições políticas e para o que elas servem, o público mais contrário à política demonstra uma total descrença nos políticos e na política em si.

Os jovens brasileiros têm emitido sinais, mais ou menos visíveis, da negação frente a formas tradicionais de participação, tais como as que se expressam pela filiação a partidos, sindicatos e organizações estudantis. No entanto, ações coletivas juvenis deixam de ser notadas ou valorizadas devido ao caráter descontínuo, tópico e muito frequentemente desprovido de ideologias facilmente reconhecidas. (IBASE/POLIS, 2005, p.15)

Existe quem defenda e compactue com a opinião de que a descrença destes jovens esteja diretamente ligada ao grau de instrução. Sociólogos com a

pesquisadora Renata Florentino, argumentam que este fenômeno acaba por vedar o contato destes indivíduos sem instrução com o mundo.

É comum, na literatura política, atribuir a falta de interesse pela política institucional a questões ligadas à alienação e desinformação: como um cidadão não consegue constituir determinado diálogo com o mundo, torna-se, portanto, incapaz de entendê-lo em profundidade. (FLORENTINO, 2008, p. 207)

No caso do Distrito Federal, aponta-se, ainda segundo estudo da pesquisadora Renata Florentino, o pensamento dos jovens está intimamente ligado às características socioeconômicas, altamente contrastantes na Capital Federal.

Já uma análise das características socioeconômicas da população brasiliense revela outro perfil peculiar. Levando em consideração aspectos como escolaridade, renda e tipo de ocupação econômica, é possível ver grupos que são, internamente, altamente homogêneos embora, comparados entre si, revelem uma sociedade altamente hierarquizada, concentrando guetos de classe média (basicamente composta pelo funcionalismo público) e de pobreza e miséria. (...) O elitismo exarcebado do Plano Piloto e as precárias condições de vida existentes em grande parte das cidades satélites do Distrito Federal e seu entorno oferecem um espelho das desigualdades sociais do país, variando do urbano desejado à urbanização realizada (NUNES, 2004, p.37).

5. A pesquisa

5.1 Descrição do método

Essa pesquisa se deu por três métodos: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e levantamento de opinião de uma amostragem por conveniência não-probabilística.

Entende-se por pesquisa bibliográfica o primeiro passo de qualquer projeto, que solidifica sua base e dá as coordenadas para os próximos passos.

A pesquisa bibliográfica, num sentido amplo, é planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias idéias e opiniões. (DUARTE e BARROS, 2005, p. 54)

Para esse trabalho, buscou-se referenciais bibliográficos junto a obras de famosos pensadores do pós-modernismo, que com suas falas deram o embasamento teórico necessário para o decorrer da pesquisa.

As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (...) Os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência. Em função de sua forma de utilização, podem ser classificados como de leitura correta ou de referência. (GIL, 1991, p.49)

Ainda no intuito de reforçar a pesquisa bibliográfica, foi utilizado para a composição desta pesquisa, o relatório de uma pesquisa realizada em 2005 com o intuito semelhante ao da pesquisadora. Sobre a pesquisa documental, Duarte e Barros (2005) argumentam que freqüentemente ela é de origem secundária, ou seja, constituem conhecimento, dados ou informações já reunidos ou organizados. Para os teóricos da metodologia de pesquisa em comunicação, são fontes secundárias a mídia impressa e eletrônica e relatórios técnicos.

Por fim, como um complemento e pequeno teste da hipótese da pesquisadora, buscou-se um levantamento de opinião em um recorte de

amostragem segundo a conveniência da pesquisadora, resultando numa pesquisa por amostragem por conveniência não probabilística.

A partir da definição do problema e do escopo da pesquisa, é possível identificar seu universo. (...) Questões de tempo e custo têm levado a maioria dos estudos à opção de amostra. (...) A amostra de uma pesquisa pode ser selecionada de forma probabilística ou não probabilística. No primeiro caso, todas as pessoas que fazem parte do universo da pesquisa têm a mesma chance de ser selecionadas para participar das entrevistas. (DUARTE e BARROS, 2005, p. 168)

5.2 A realização do levantamento de opinião

O levantamento de opinião foi realizado entre jovens, de 16 a 19, idade em que para a maioria da amostra o voto é facultativo, de uma escola pública, o Centro Educacional 02 de Sobradinho, e uma escola privada, o Centro Educacional La Salle – ambos situados na cidade satélite de Sobradinho.

Foram aplicados questionários a cem alunos concluintes do ensino médio, do período matutino, recorte feito uma vez levado em consideração o fato de que é neste período em que o jovem começa a tomar posições acerca do mundo e decisões sobre seu futuro.

As perguntas contidas no questionário levaram em consideração o levantamento de aspectos em relação ao ambiente escolar destes jovens, os ambientes por eles freqüentados, a preocupação ou não destes jovens com a capacitação para o mercado de trabalho, os canais existentes entre esses jovens e o mundo, as formas deles se informarem e por fim seus posicionamentos em relação à política.

Foi realizado pré-teste deste questionário com um total de 15 amigos e familiares, dentro número compreendiam-se 5 adolescentes de mesma faixa etária do público para o qual o questionário se direciona.

5.3 Apresentação das respostas

Logo após a aplicação dos questionários, que foram aplicados em dois dias, a alunos dos mesmos períodos de estudo, foram tabulados os dados, que apontaram uma pequena demonstração do que pensam e fazem os jovens de hoje, da cidade-satélite de Sobradinho.

Dentro da amostragem estão 58 meninos e 42 meninas. 67,5% dos entrevistados tinham 17 anos, os demais se compreendem no intervalo de 16 a 19 anos.

Entre as atividades que estes jovens mais se recordam de a escola ter promovido, estão: em primeiro lugar, as apresentações de teatro, dança e festivais culturais - que foram mencionados por 64 jovens; em segundo os debates, que foram recordados por 48 alunos; e terceiro lugar, mencionadas por 47 jovens estão as festas promovidas pela escola.

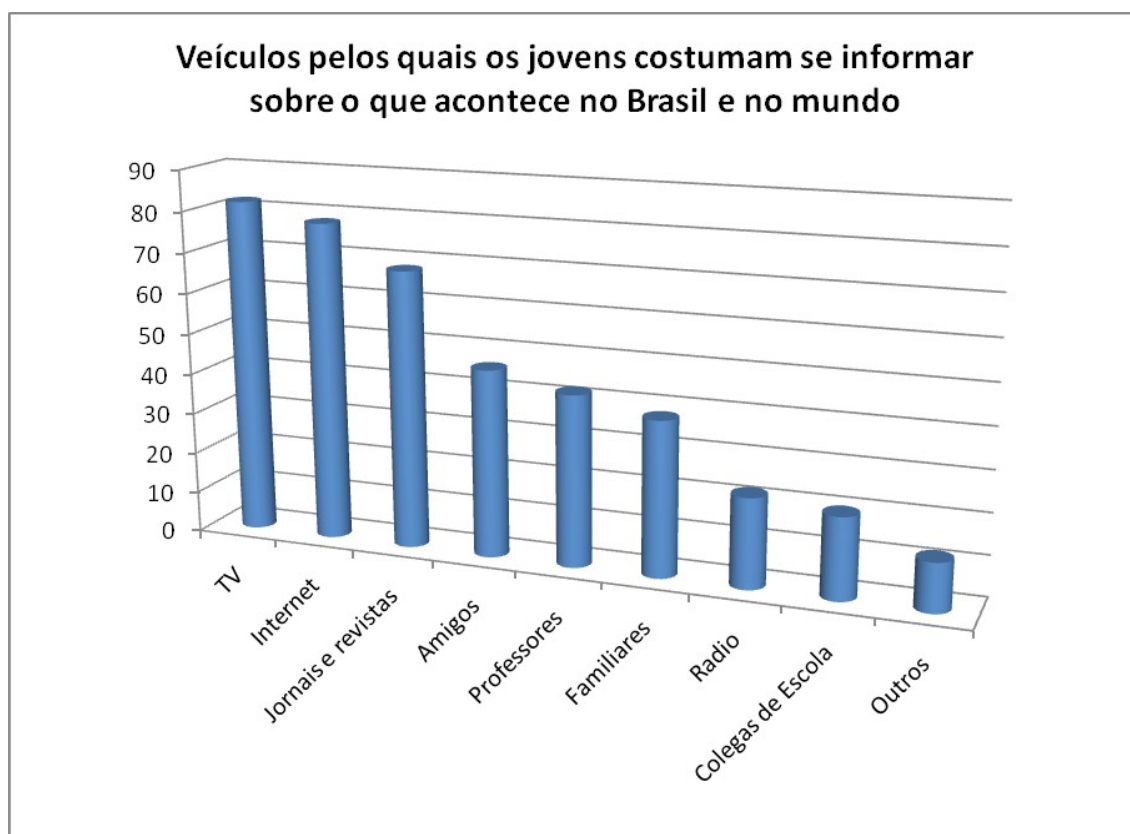


Em relação aos debates, 54 alunos (em grande maioria da escola pública) se recordam do providos sobre sexualidade, drogas e violência. O segundo tipo de debate mais mencionado pelos adolescentes, por 36 deles,

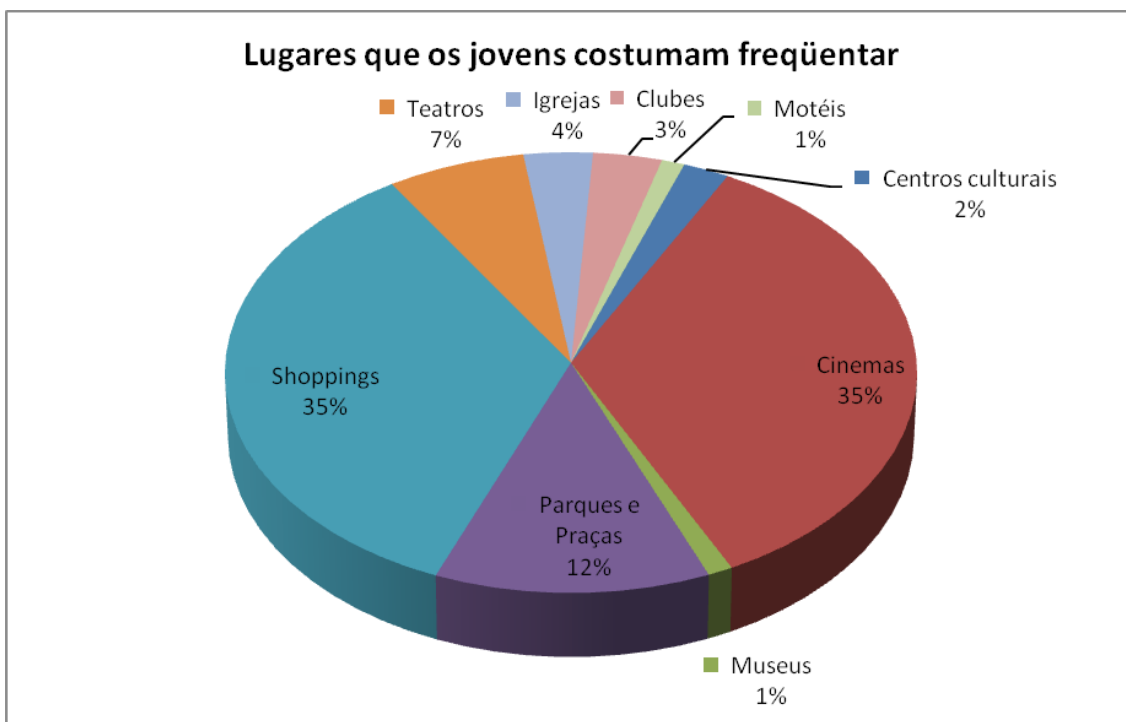
foram os acerca dos projetos político-pedagógicos e regras da escola. E em terceiro lugar, mencionados por 19 alunos, estão os debates sobre política.

Numa pequena análise acerca da preocupação destes cidadãos com o futuro profissional, 43 deles mencionaram realizar cursos de língua estrangeira, 36 praticam esportes e 34 fazem cursos de informática.

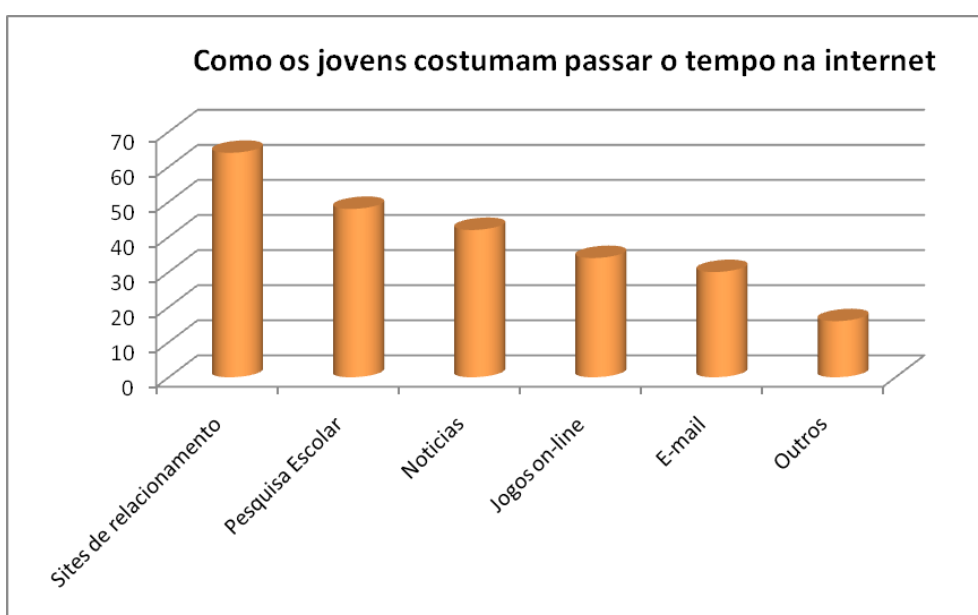
O veículo de comunicação de mais alcance entre esse recorte é a tevê, mencionada por 82 jovens como o meio principal pelo qual ele se informa. Apesar desse número, 77 deles também afirmaram se informar sobre as coisas que acontecem no mundo pela rede mundial de computadores, a internet. Em terceiro lugar no ranking dos meios mais utilizados para a informação, estão os jornais e revistas, mencionados por 69 pessoas.



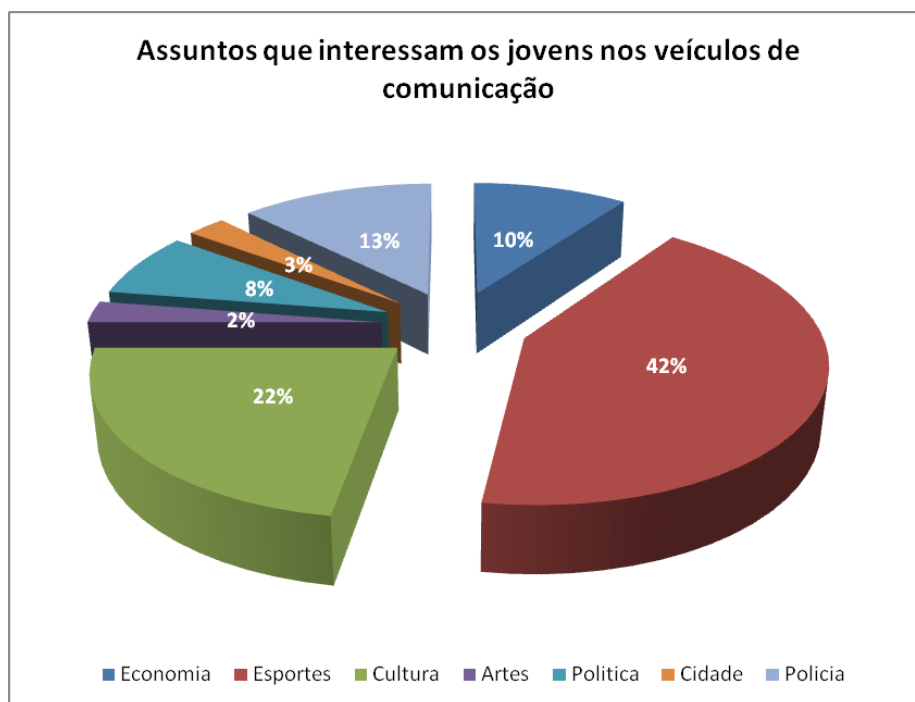
Setenta e um dos 100 jovens entrevistados afirmaram que gostam de passar o tempo livre indo ao cinema e se divertindo com os amigos. O segundo lugar que os jovens mais gostam de ir no tempo livre é às compras – resposta mencionada por 70 jovens. O terceiro tipo de lugar mencionado por estes jovens são as praças e parques, opção selecionada por 32 dos entrevistados.



Entre o recorte, 74% dos jovens acessam sempre a internet e 26% acessam de vez em quando. Na internet, o que mais estes jovens fazem é freqüentar grupos e sites de relacionamento, tais como o Orkut, MSN, Twitter e Skype – atividades que foram mencionadas por 65 jovens. Em segundo lugar entre as atividades mais realizadas por estes adolescentes na internet estão as pesquisas escolares, mencionadas por 49 alunos. O terceiro uso mais citado foi o acesso a sites de notícias – selecionados por 42 estudantes.

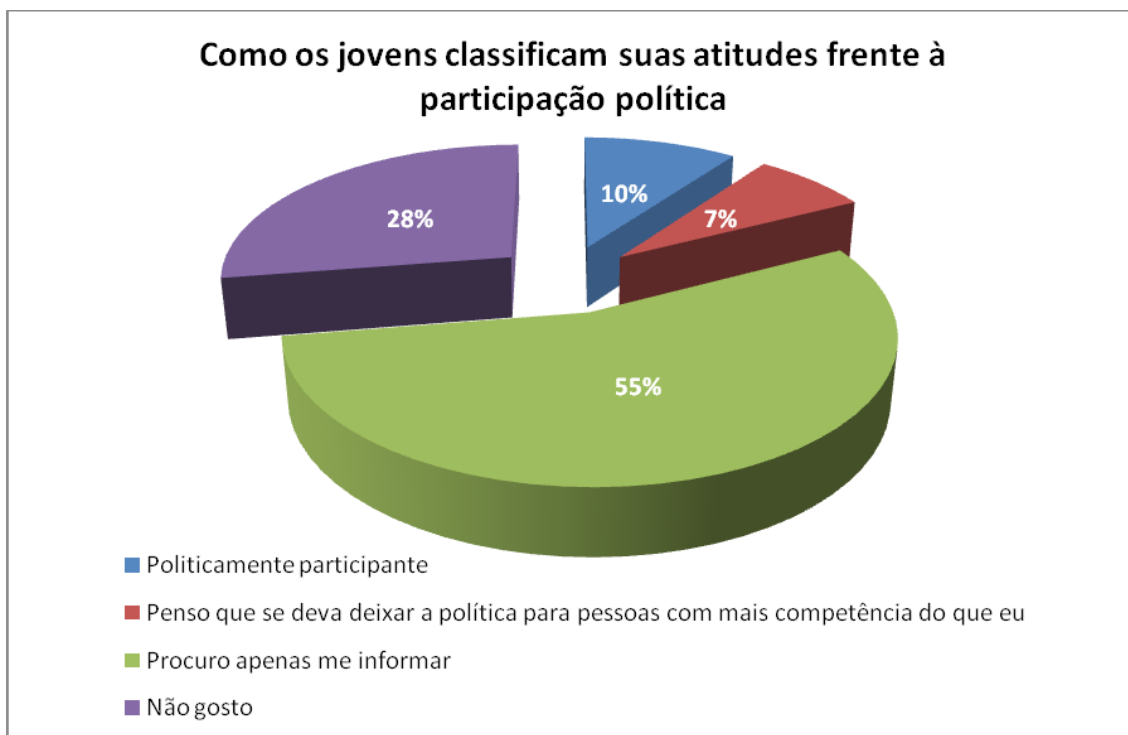


Entre os assuntos que mais chamam a atenção destes jovens no noticiário, estão: as notícias de esportes, com 42% da preferência; as notícias de cultura e entretenimento, com 22%; e em terceiro lugar as editorias de economia, com 13% da preferência, à frente das editorias de política que apresentaram apenas 8% de interesse.

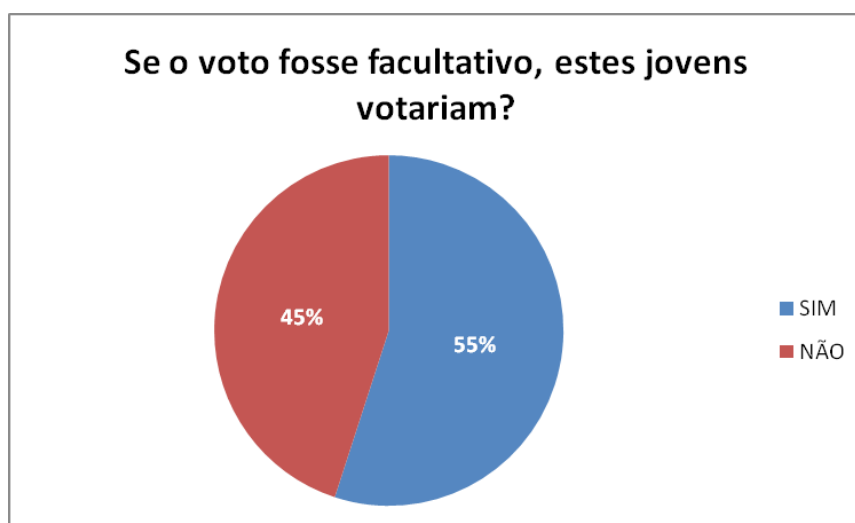


Numa segunda parte da pesquisa, com perguntas mais diretamente voltadas para o pensamento e à participação política destes jovens encontravam-se perguntas como quais tipos de associações estes jovens participaram o ainda participam. No intuito de levantar se estes jovens possuem algum tipo de sentimento de luta ou engajamento comunitário para as políticas públicas. 45 jovens responderam que participam de um grupo religioso, 26 jovens mencionaram que participam de uma associação esportiva, 15 realizam ou já realizaram trabalhos voluntários, 11 já participaram ou ainda participam de grêmios estudantis e 7 fazem ou já fizeram parte de grupos de teatro. Nenhum participou ou já se filiou a um partido político.

Num questionamento acerca da participação política destes adolescentes, mais da metade afirmou que procura apenas se informar a respeito.

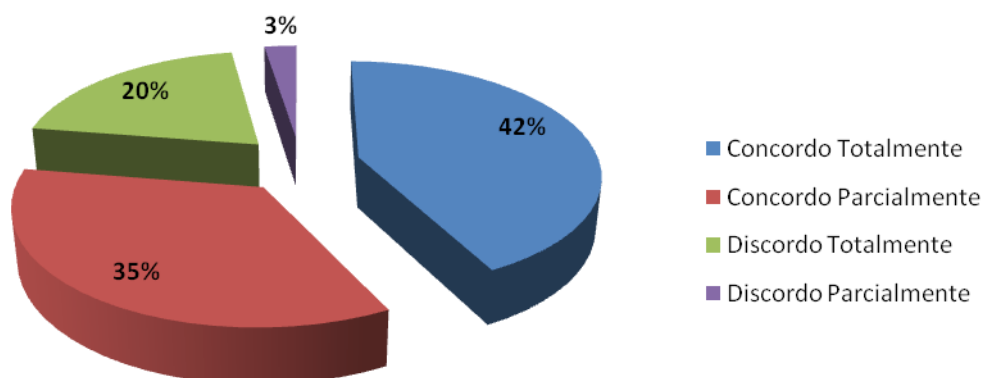


Numa indagação a respeito da possibilidade de o voto se tornar optativo para todas as idades, 55% afirmaram que não votariam.



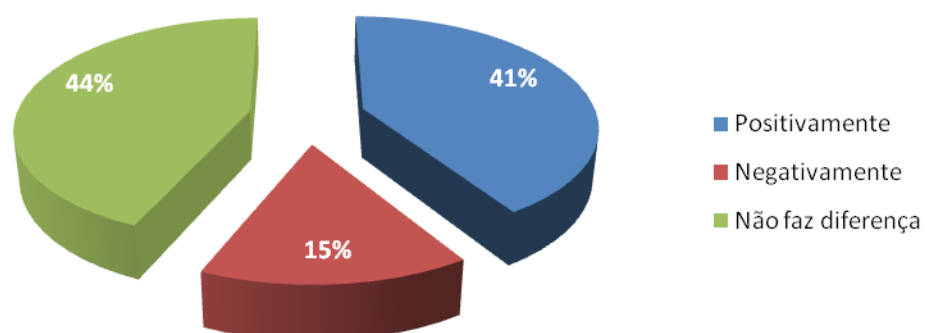
Já em um questionamento do pensamento deles acerca das atitudes dos políticos, obteve-se a resposta de que para eles, 42% dos políticos da atualidade defendem apenas seus próprios interesses.

Posicionamento dos jovens em relação à afirmativa de que os políticos defendem apenas os seus próprios interesses



Numa última pergunta, acerca do julgamentos destes jovens sobre a influência que a política têm em suas vidas, a maior parte, 44% afirmou que a política não faz diferença.

Como os jovens acreditam que a política influencie suas vidas



6. Análise

Tendo delineado o contexto, os meios de comunicação, levantado um pouco sobre quem são os jovens de hoje e o que eles pensam, a pesquisa, nesse momento visa analisar a afirmativa de que a mídia atua como elemento de estímulo à ocorrência do fenômeno da espiral do cinismo nos jovens brasileiros em idade pré-universitária numa relação com a política.

Uma vez obtida a informação de que, durante o levantamento de opinião, para 44% dos jovens entrevistados, a política não faz diferença em suas vidas - e que apenas 8% dos estudantes do último ano do ensino médio têm interesse em assistir, ler ou ouvir o noticiário político - não se pode chegar à conclusão categórica de que a mídia influencia diretamente na ocorrência do fenômeno da Espiral do Cinismo nestes jovens.

Porém, sabe-se que esse fenômeno ocorre - talvez estimulado por outros canais tais como a influência dos pais, irmãos, professores ou colegas - na vida desses jovens. Uma vez que estes são meios complementares de informação para 40% dos jovens da amostragem, a informação obtida vem carregada das impressões e opiniões do emissor.

Exemplo da ocorrência do fenômeno da Espiral do Cinismo foi a afirmação feita por 42% da pequena amostra, que concordou totalmente com a afirmativa de que os políticos só defendem seus próprios interesses.

O comportamento fica forte em outro ponto do levantamento de opinião, que constatou que nenhum dos jovens entrevistados já participou ou ainda participa de grupo ou partidos políticos.

Durante a pesquisa bibliográfica e documental, observou-se que as editorias de política e a história do jornalismo político e da mídia sensacionalistas também influenciam a ocorrência desta Espiral nas pautas dos jornais, telejornais e portais da internet.

Exemplo recente desse comportamento por parte dos jornais foi o julgamento do caso de desvio de verbas de uma obra pública, que ficou conhecido como Valerioduto, que ocupou espaço de mais destaque nos jornais televisivos (das emissoras Band, Globo, SBT e Record) que a aprovação da chamada PEC dos Precatórios pela Câmara, na semana do dia 02 de novembro deste ano. O único canal observado pela pesquisadora, no dia 04 de novembro, que deu mais espaço à aprovação da PEC dos Precatórios foi a TV Brasil.

Os escândalos vendem mais e talvez isso não seja culpa somente dos veículos de comunicação. Afinal, como a espiral que esta teoria propõe não se sabe onde esse fenômeno tem início e nem onde ele termina, só se sabe que ele é um contínuo e que abrange os formadores de opinião (incluindo pais, irmãos, professores, colegas etc).

O pesquisador Luis Felipe Miguel (2007) afirma em seu estudo que a mídia tende a ser cínica por pelo menos três razões e que isso influencia na percepção dos cidadãos - agora mais próximos dos núcleos de poder, tendo em vista os novos veículos de comunicação - e em suas formações de opiniões.

Fica claro que o principal motor do processo é a mídia. Existem pelo menos três razões que ajudam a explicar por que a cobertura da política pela imprensa tende a ser cínica. Em primeiro lugar, haveria a influência de uma “ideologia profissional”, segundo a qual o bom jornalista deve desconfiar das aparências. (...) Em seguida, haveria o fenômeno da especialização profissional dos jornalistas. O repórter de política entende de política e nada mais, isto é, possui incentivos fortes para fazer uma cobertura “hiperpolitizada” da própria política, (...) Por fim, existiriam incentivos formais tanto à abordagem estratégica da política quanto ao foco nos mafeitos dos políticos. O escândalo e o erro sempre são notícia. (MIGUEL, 2007, p. 6)

Ao analisar como um todos os veículos de comunicação nota-se este cinismo impregnado nos produtos de entretenimento que costumam fazer mais sucesso entre os jovens que em qualquer outro grupo.

Esta pesquisa delinha que os jovens estão cada dia mais distantes da política, por meios e canais ainda incertos. Os pais, tutores e educadores (formadores de opinião) destes jovens tendem a compactuar e fomentar esse

cinismo com a atitude pessimista de que não há mais jeito para nada na sociedade.

A monografia sinaliza ainda que os políticos - ao assumirem um mandato pela primeira vez – além de terem que mediar diariamente um vai e vem de negociações partidárias, combinar votações e posicionamentos junto a um partido composto por mentes individualistas e singulares, ainda têm que lidar com um pré-conceito de uma mídia tendenciosa e do público consumidor cínico desta mídia.

7. Considerações Finais

Inicialmente foi almejado pela pesquisadora responder se a mídia exercia alguma influência à ocorrência do fenômeno da Espiral do Cinismo entre os jovens em idade pré-universitária do Distrito Federal numa relação com a política. Ao fim da pesquisa, a estudante de comunicação conclui que não é certo que a mídia influencie diretamente na ocorrência deste fenômeno, até pelo fato de os jovens entrevistados em grande maioria não assistirem nem terem acesso de alguma forma aos noticiários políticos pelo simples fato de não se interessarem – uma vez que se constatou que todos possuem meios de acesso aos jornais, telejornais e à internet.

De outro modo, pode-se inferir que, diante do dado de que 40% dos jovens têm como fontes de informação os formadores de opinião - pais, irmãos, professores ou colegas – os jovens podem estar sendo influenciados indiretamente pela Espiral do Cinismo, já que esta se reproduz na sociedade sempre de forma invasiva.

Ficou, portanto, forte a impressão na pesquisadora, após a pesquisa bibliográfica e documental, o fato de que os formadores de opinião são de certa forma atingidos pelo fenômeno da Espiral do Cinismo e que isso ressoa, de certo modo, na percepção dos jovens em relação à política.

A pesquisadora chegou o pesamento de que este cinismo é crescente e se dá não só em relação à forma como a política é encarada, mas como as relações interpessoais como um todo são estabelecidas. Os pré-conceitos e os julgamentos precipitados inundam as mentes dos jovens ainda pequenos e estes saem às ruas realizando diversos julgamentos e condenando a todos, inclusive aos gestores da nação, antes mesmo que ocorram falhas. A sociedade brasileira parece cada vez mais monitorada, mais excludente e cada dia mais distante do pensamento comum e, por consequência, do modelo democrático.

Referências Bibliográficas

CAPPELLA, Joseph N. e Kathleen Hall JAMIESON. (1997), **Spiral of cynicism: the press and the public good**. Oxford: Oxford University Press.

FLORENTINO, Renata. (2006), **Rebeldes invisíveis: imaginário de jovens brasileiros relacionado à política**. Monografia de mestrado em Sociologia. Brasília: Universidade de Brasília.

MIGUEL, Luis Felipe. (2007), **A mídia e o declínio da confiança na política**. XVI COMPÓS: Curitiba.

DUARTE, Jorge e Antônio BARROS (org.). (2005) **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas.

GIL, Antônio Carlos. (1999), **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas.

IBASE/POLIS. (2006), **Juventude Brasileira e Democracia: participação, esferas e políticas públicas**. Rio de Janeiro.

SENNET, Richard. (1999), **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro, Record.

DEBORD, Guy. (1997), **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto.

LYOTARD, Jean-François. (2000), **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: J. Olympio.

WEBER, Max. (2003), **Ciência e política duas vocações**. São Paulo: Martin Claret.

ALDÉ, Alessandra. (2004), **Mídia, pluralismo e atitude política**. Democracia Viva, Rio de Janeiro, v. 22.

CHAUÍ, Marilena. (2000), **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática.

ALBERT, Pierre e Fernand TERROU, **História da Imprensa**. São Paulo : Martins Fontes.

HABERMAS, Jürgen. (2005), **A crise do estado de bem-estar e o esgotamento das energias utópicas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

ABREU, Alizira. (2002), **A modernização da imprensa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MARCONDES FILHO, Ciro. (2000), **Comunicação e jornalismo. A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker.

BUCCI, Eugênio. (2000), **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras.

MARTINS, Franklin. (2005), **Jornalismo Político**. São Paulo: Contexto.

CASTRO, Valdir José e Cláudio Novaes Pinto COELHO. (2006), **Comunicação e a Sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Paulus.

HARRIS, Rachel e Dorothy Law NOLTE. (2005), **Os Adolescentes Aprendem o que Vivenciam**. Rio de Janeiro: Sextante.